A SAGA ASIÁTICA

CRONOLOGIA

1600	*Shōgun*
1841	*Tai-Pan*
1862	*Gai Jin*
1945	*Rei Rato*
1963	*Casa Nobre*
1979	*Whirlwind*

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

将軍

Blackthorne acordou ao amanhecer. Sozinho. A princípio, teve a certeza de que estivera a sonhar, mas o perfume dela ainda permanecia no ar e ele soube que não tinha sido um sonho.

Uma pancadinha discreta.

— *Hai*?

— *Ohayo,* Anjin-san, *gomen nasai.* — Uma criada abriu o *shoji* a Fujiko e depois entrou com a bandeja com chá e uma tigela de papas e bolinhos de arroz.

— *Ohayo,* Fujiko-san, *domo* — disse ele, agradecendo. Ela acompanhava sempre pessoalmente a primeira refeição, afastava a rede e aguardava enquanto ele comia, e a criada preparava um quimono, *tabi* e tanga lavados.

Ele bebeu um pouco de chá, perguntando-se se Fujiko estaria a par da noite anterior. A cara dela não revelava nada.

— *Ikaga desu ka?* — «Como está?», perguntou-lhe Blackthorne.

— *Okagasama de genki desu,* Anjin-san. *Anata wa?* — «Muito bem, obrigada. E o Anjin-san?»

A criada tirou as roupas lavadas do armário oculto que se fundia perfeitamente com o resto do quarto forrado a papel, e depois deixou-os a sós.

— *Anata wa yoku nemutta ka?* — «Dormiu bem?»

— *Hai,* Anjin-san, *arigato gozaimashita!* — Ela sorriu, levou a mão à cabeça fingindo dor, simulou estar bêbeda e dormindo como uma pedra. — *Anata wa?*

— *Watashi wa yoku nemuru.* — «Eu dormi muito bem.»

Ela corrigiu-o:

— *Watashi wa yoku nemutta.*

— *Domo. Watashi wa yoku nemutta.*

— *Yoi! Taihenyoi!* — «Bom. Muito bom.»

Então, do corredor, ouviu a voz de Mariko chamar:

— Fujiko-san?

— *Hai,* Mariko-san? — Fujiko dirigiu-se ao *shoji* e abriu uma frincha. Ele não conseguiu ver Mariko e não percebeu o que estavam a dizer.

Espero que ninguém saiba, pensou. *Rezo para que seja um segredo, só entre nós. Talvez fosse melhor se tivesse sido um sonho.*

Ele começou a vestir-se. Fujiko voltou e ajoelhou-se para lhe apertar os *tabi*.

— Mariko-san? *Nan ja*?

— *Nane mo,* Anjin-san — «Não era nada de importante», respondeu ela.

Dirigiu-se então ao *tokonoma,* a alcova com o seu pergaminho suspenso e arranjo de flores, onde as espadas eram sempre deixadas, e entregou-as a Blackthorne, que as enfiou no cinto. As espadas já não lhe pareciam ridículas, embora gostasse de as conseguir usar com menos constrangimento.

Ela contara-lhe que o seu pai recebera as espadas por bravura depois de uma batalha particularmente sangrenta no extremo setentrional da Coreia, sete anos antes, durante a primeira invasão. Os exércitos japoneses haviam devastado o reino, vitoriosos, arrasando o Norte. Depois, quando estavam perto do rio Yalu, as hordas chinesas haviam atravessado abruptamente a fronteira para se juntarem à batalha contra os exércitos japoneses e, por serem tão numerosas, tinham conseguido derrotá-los. O pai de Fujiko fazia parte da retaguarda que cobrira a retirada de volta às montanhas a norte de Seul, onde tinham voltado atrás e deixado a batalha num impasse. Esta e a segunda campanha tinham sido as expedições militares mais onerosas de sempre. Quando o Taikō morrera no ano anterior, Toranaga, em nome do Conselho de Regentes, ordenara imediatamente que o remanescente dos seus exércitos regressasse, para grande alívio da maioria dos dáimios, que detestavam a campanha coreana.

Blackthorne foi até ao alpendre. Calçou os chinelos e assentiu com a cabeça numa saudação aos criados, que ali estavam reunidos numa fila impecável para o cumprimentar, como era costume.

O dia mostrava-se pouco promissor. O céu estava nublado e um vento quente e húmido soprava do mar. As alpondras semeadas no cascalho do caminho estavam molhadas pela chuva que caíra durante a noite.

Do lado de fora do portão, aguardavam-no os cavalos e os dez samurais da sua escolta. E Mariko.

Ela já estava a cavalo e usava um manto amarelo-claro sobre calças de seda verde-clara, um chapéu de aba larga, um véu preso com fitas amarelas, e luvas. Uma sombrinha para a chuva estava a postos na bainha da sela.

— *Ohayo* — disse ele formalmente. — *Ohayo,* Mariko-san.

— *Ohayo,* Anjin-san. *Ikaga desu ka?*

— *Okagesama de genki desu. Anata wa?*

Ela sorriu.

— *Yoi*, *arigato gozaimashita.*

Ela não mostrou o menor indício de que algo mudara entre eles. Mas ele não esperava tal coisa, não em público, ciente do quanto a situação era perigosa. Sentiu o perfume dela e teria gostado de a beijar ali, à frente de todos.

— *Ikimasho!* — disse ele e subiu para a sela, fazendo sinal aos samurais para que seguissem à frente. Avançou vagarosamente com o seu cavalo e Mariko fez o mesmo, até ficarem a par. Quando estavam sozinhos, ele descontraiu.

— Mariko.

— *Hai?*

— Sois linda e amo-vos — disse-lhe ele em latim.

— Agradeço-vos, mas tanto vinho ontem à noite fez com que a minha cabeça não se sinta linda hoje, não de verdade, e «amor» é uma palavra cristã.

— Sois linda e cristã, e o vinho não vos poderia afetar.

— Agradeço a mentira, Anjin-san; sim, obrigada.

— Não. Eu é que devia agradecer.

— Oh! Porquê?

— Nunca «porquê», nada de «porquê». Agradeço-vos sinceramente.

— Se o vinho e a carne vos deixam tão caloroso e galante — disse ela —, tenho de dizer à vossa consorte que mova o céu e a terra para vo-los proporcionar todas as noites.

— Sim. Por mim, seria tudo igual, sempre.

— Está estranhamente feliz hoje — disse ela. — Bom, muito bom. Mas porquê? Porquê realmente?

— Por vossa causa. Sabeis porquê.

— Não sei de nada, Anjin-san.

— Nada? — repetiu ele.

— Nada.

Ele ficou espantado. Estavam sozinhos naquele momento, e em segurança.

— Por que motivo um «nada» vos roubou o sorriso dos lábios? — perguntou ela.

— Que estupidez! Que estupidez a minha! Esqueci que é mais sensato sermos cautelosos. Acontece que estávamos sozinhos e eu queria falar sobre aquilo. E, na verdade, dizer mais.

— Falais por enigmas. Não vos entendo.

Mais uma vez, ele deu por si perplexo.

— Não quereis falar sobre o que se passou? De forma alguma?

— Sobre o quê, Anjin-san?

— O que se passou ontem à noite, então?

— Passei pela vossa porta durante a noite quando a minha criada, Koi, estava convosco.

— O quê?!

— Nós, a vossa consorte e eu, pensámos que ela seria um presente agradável para si. Ela agradou-lhe, não é assim?

Blackthorne estava a tentar recuperar. A criada de Mariko era da mesma estatura, mas mais nova e nunca com uma pele tão clara e nunca tão bonita, e, sim, estava escuro como breu e, sim, as ideias dele estavam toldadas pelo vinho, mas não, não era a criada.

— Isso não é possível — disse ele em português.

— O que não é possível, senhor? — perguntou-lhe ela na mesma língua.

Ele regressou ao latim, visto que a escolta não estava longe e o vento estava de feição:

— Por favor, não brinqueis comigo. Ninguém nos pode ouvir. Reconheço uma presença e um perfume.

— Pensais que era eu? Ah, mas não era, Anjin-san! Teria sido uma honra, mas eu nunca poderia… por mais que o pudesse querer… ah, não, Anjin-san! Não era eu, mas Koi, a minha criada. Eu ficaria honrada, mas pertenço a outro mesmo que ele esteja morto.

— Sim, mas não era a sua criada. — Ele fez por conter a fúria. — Mas podeis deixar as coisas assim se o pretendeis.

— Mas era a minha criada, Anjin-san — disse ela num tom apaziguador. — Ungimo-la com o meu perfume e dissemos-lhe: sem palavras, apenas toque. Nunca por um momento pensámos que poderíeis pensar que ela era eu! Não foi para vos enganar, mas para vossa comodidade, sabendo que discutir questões do travesseiro ainda vos embaraça. — Ela fitava-o com olhos arregalados e inocentes. — Ela deu-vos prazer, Anjin-san? Sei que lho deu a ela.

— Uma graça a respeito de coisas de grande importância por vezes não tem humor.

— As coisas de grande importância serão sempre tratadas com grande importância. Mas uma criada a meio da noite com um homem não tem importância.

— Eu não vos considero sem importância.

— Agradeço-vos e digo o mesmo. Mas uma criada a meio da noite com um homem é privada e destituída de importância. É uma oferta dela para ele e, por vezes, dele para ela. Nada mais.

— Nunca?

— Às vezes. Mas esse assunto de travesseiro particular não tem essa vossa enorme seriedade.

— Nunca?

— Só quando a mulher e o homem se unem contra a lei. *Nesta* terra.

Ele puxou as rédeas, finalmente dando-se conta do motivo daquela negação.

— Peço desculpa — disse. — Sim, tendes razão e eu estou muito enganado. Nunca deveria ter falado. Peço desculpa.

— Porquê pedir desculpa? De quê? Dizei-me, Anjin-san, a rapariga usava um crucifixo?

— Não.

— Eu uso sempre. Sempre.

— Um crucifixo pode ser tirado — disse ele automaticamente em português. — Isso não prova nada. Poderia ser emprestado, como um perfume.

— Diga-me uma última verdade: viu realmente a rapariga? Viu-a *mesmo*?

— Claro que sim. Por favor, será melhor esquecer…

— A noite estava muito escura, a Lua nublada. Por favor, a verdade, Anjin-san. Pense! Viu mesmo a rapariga?

Claro que a vi, pensou ele, indignado.

Caramba, pensa bem. Não a viste. *O teu raciocínio estava toldado. Podia ter sido a criada, mas tu sabias que era Mariko porque querias Mariko e vias apenas Mariko nesta tua cabeça, convencido de que ela te havia de querar igualmente. És um pateta. Um rematado pateta.*

— Na verdade, não. Na verdade, eu devia mesmo pedir desculpa — disse ele. — Como posso desculpar-me?

— Não há necessidade de se desculpar, Anjin-san — respondeu ela calmamente. — Já lhe disse muitas vezes que um homem nunca pede desculpa, mesmo quando está errado. O Anjin-san não estava errado. — Os olhos dela eram travessos agora. — A minha criada não precisa de um pedido de desculpa.

— Obrigado — disse ele, já a rir. — Faz com que eu me sinta menos idiota.

— Os anos deixam-no quando se ri. O tão sério Anjin-san torna-se novamente um menino.

— Meu pai dizia que eu nasci velho.

— E nasceu?

— Ele pensava que sim.

— Como é ele?

— Era um bom homem. Um armador, um capitão. Os espanhóis mataram-no num lugar chamado Antuérpia quando passaram aquela cidade pelo fio da espada. Queimaram-lhe o navio. Eu tinha seis anos, mas lembro-me dele como um homem grande, alto e bem-humorado, com cabelo dourado. O meu irmão mais velho, Arthur, tinha apenas oito anos… Passámos por momentos difíceis, Mariko-san.

— Porquê? Por favor, diga. Por favor!

— É tudo muito banal. Cada centavo que tínhamos estava investido no navio que se perdeu… e, bem, não muito depois disso, a minha irmã morreu. Morreu de fome, na realidade. Tivemos a fome em 71 e a peste de novo.

— Temos peste às vezes. A varíola. Eram muitos na sua família?

— Éramos três — disse ele, feliz por pôr de parte a outra dor. — A Willia, minha irmã, tinha nove anos quando morreu. O Arthur, ele foi o próximo… queria ser artista, um escultor, mas teve de se tornar aprendiz de pedreiro para ajudar a sustentar-nos. Ele foi morto com a Armada. Tinha vinte e cinco anos, pobre pateta, acabado de embarcar, sem treino nenhum, um desperdício. Eu sou o último dos Blackthorne. A esposa e a filha do Arthur vivem com a minha esposa e filhos agora. A minha mãe ainda está viva, assim como a minha velha avó Jacoba; ela tem setenta e cinco anos e é rija como carvalho inglês, embora tenha nascido na Irlanda. Pelo menos, estavam todos vivos quando parti, faz mais de dois anos.

A dor começava a voltar. *Hei de pensar neles quando partir para casa,* prometeu a si mesmo, *mas não antes.*

— Teremos uma tempestade amanhã — disse ele, observando o mar. — Uma das valentes, Mariko-san. Depois, daqui a três dias teremos bom tempo.

— Estamos na estação das tormentas. Na sua maior parte, temos o céu carregado e muita chuva. Quando as chuvas param, fica muito húmido. Então começam os *tai-fun*.

Quem me dera estar de novo no mar, estava ele a pensar. *Alguma vez estive no mar? O navio era real? Qual é a realidade? Mariko ou a criada?*

— Não é de se rir muito, pois não, Anjin-san?

— Passei demasiado tempo no mar. Os marinheiros são sempre sérios. Aprendemos a observar o mar. Estamos sempre atentos e à espera do desastre.

Tiramos os olhos do mar por um segundo e ele apanha-nos o navio e faz dele um pau de fósforo.

— Tenho medo do mar — disse ela.

— Eu também. Um velho pescador disse-me uma vez: «O homem que não tem medo do mar depressa acabará afogado, porque há de sair num dia em que não devia. Mas se tivermos medo do mar, só nos afogamos de vez em quando.» — Ele olhou para ela. — Mariko-san…

— Sim?

— Faz poucos minutos, convenceu-me de que… bem, digamos que eu estava convencido. Agora, não estou. Qual é a verdade? *Honto.* Tenho de saber.

— Os ouvidos são para ouvir. Claro que era a criada.

— Esta criada. Posso pedir a companhia dela quando quiser?

— Claro. Um homem sábio não o faria.

— Porque posso ficar desiludido? Da próxima vez?

— Possivelmente.

— Tenho dificuldade em possuir uma criada e perder uma criada, dificuldade em não dizer nada…

— Travesseirar é um prazer. Do corpo. Nada tem de ser dito.

— Mas como posso dizer a uma criada que ela é bela? Que a amo? Que ela me encheu de êxtase?

— Não é apropriado «amar» uma criada dessa maneira. Aqui não, Anjin-san. Essa paixão não é nem mesmo para uma esposa ou consorte. — Os olhos dela franziram-se de repente. — Mas apenas para alguém como Kiku-san, a cortesã, que é tão bela e merece isso.

— Onde posso encontrar essa rapariga?

— Na aldeia. Seria para mim uma honra procurá-la em seu nome.

— Por Cristo, chego a acreditar que está a falar a sério.

— Claro que estou. Um homem precisa de paixões de todas as espécies. Esta senhora é digna de romance, para quem puder pagar por ela.

— O que quer isso dizer?

— Que ela seria muito cara.

— O amor não se compra. Dessa espécie não tem valor nenhum. O «amor» não tem preço.

Ela sorriu.

— Travesseirar sempre tem o seu preço. Sempre. Não necessariamente em dinheiro, Anjin-san. Mas um homem paga, sempre, por travesseirar, de uma maneira ou de outra. O verdadeiro amor, como chamamos ao dever, é de

alma para alma e não precisa de uma tal expressão, de nenhuma expressão física, exceto talvez a dádiva da morte.

— Está enganada. Quem me dera poder mostrar-lhe o mundo como ele é.

— Conheço o mundo como ele é e como sempre será. Quer voltar a ter essa criada desprezível?

— Sim. Sabe que quero…

Mariko riu-se alegremente.

— Então, ser-lhe-á enviada. Ao pôr do sol. E vamos acompanhá-la, Fujiko e eu!

— Caramba, é que acredito que o fariam! — Ele riu-se com ela.

— Ah, Anjin-san, é bom vê-lo rir! Desde que voltou para Anjiro, passou por uma grande mudança. Uma mudança muito grande.

— Não. Nem por isso. Mas ontem à noite tive um sonho. E esse sonho foi perfeito.

— Perfeito, só Deus. E por vezes também um pôr do sol, ou o nascer da lua ou o primeiro açafrão do ano.

— Não a entendo de jeito nenhum.

Ela afastou o véu do chapéu e olhou diretamente para ele.

— Certa vez, um outro homem disse-me: «Não a entendo de jeito nenhum»; e o meu marido disse: «Perdão, senhor, mas nenhum homem consegue entendê-la. O seu pai não a entende, nem os deuses, nem o seu Deus bárbaro, nem mesmo a sua mãe a entende.»

— Era Toranaga? O Senhor Toranaga?

— Oh, não, Anjin-san! Era o Taikō. O Senhor Toranaga entende-me. Ele entende tudo.

— Até me entende a mim?

— Muito a si.

— Tem a certeza disso, não tem?

— Sim. Ah, muito, sim!

— Ele vai vencer a guerra?

— Sim.

— Eu sou o seu vassalo favorito?

— Sim.

— Ele vai usar a minha marinha?

— Sim.

— Quando terei o meu navio de volta?

— Isso não vai acontecer.

— Porquê?

Ela foi incapaz de manter um tom sério:

— Porque há de ter a sua «criada» em Anjiro e há de andar a travesseirar tanto que não lhe sobrarão forças para partir, nem de gatas, quando ela lhe implorar que embarque no seu navio, e quando o Senhor Toranaga lhe pedir que embarque e nos deixe a todos!

— Lá está a Mariko-san outra vez! Num instante tão séria, no outro não!

— É apenas para lhe responder, Anjin-san, e para deixar certas coisas no seu devido lugar. Ah, mas antes de nos deixar devia conhecer a Senhora Kiku. Ela é digna de uma grande paixão. Ela é tão bela e talentosa. Para ela, o Anjin-san teria de ser extraordinário!

— Estou tentado a aceitar esse desafio.

— Eu não desafio ninguém. Mas se está preparado para ser um samurai e não… não um estrangeiro, se está preparado para tratar o travesseiro pelo que ele realmente é, então, seria para mim uma honra agir como sua intermediária.

— O que quer isso dizer?

— Quando estiver de bom humor, quando estiver pronto para uma diversão muito especial, peça à sua consorte que me peça.

— Porquê Fujiko-san?

— Porque é dever da sua consorte certificar-se de que o seu senhor está satisfeito. É nosso costume tornar a vida simples. Admiramos a simplicidade, pelo que os *homens* e as *mulheres* podem encarar o travesseirar tal como ele é: uma parte importante da vida, certamente, mas entre um homem e uma mulher há coisas mais importantes. Humildade, por exemplo. Respeito. Dever. Até esse seu «amor». Fujiko «ama-o».

— Pode lá ser!

— Ela daria a vida por si. O que mais há para dar?

Por fim, ele afastou os olhos dela e olhou para o mar. As ondas formavam cristas ao longo da costa à medida que o vento ia aumentando. Ele virou-se de novo para ela.

— Então não há nada a dizer? — perguntou. — Entre nós?

— Nada. É o mais sensato.

— E se eu não estiver de acordo?

— Tem de estar. Está aqui. Agora, esta é a sua terra.

Os quinhentos atacantes galoparam pela borda da colina num bando desordenado, descendo até ao fundo do vale coberto de pedras, onde os dois mil «defensores» se encontravam dispostos em ordem de batalha. Cada cavaleiro levava um mosquete pendurado às costas e um cinto com bolsas para balas, pederneiras e um polvorinho. Como a maioria dos samurais, as suas roupas eram um sortido heterogéneo de quimonos e trapos, mas as suas armas eram sempre as melhores que cada um podia pagar. Apenas Toranaga e Ishido, copiando-o, insistiam que as suas tropas usassem um uniforme e cuidassem do seu vestuário. Todos os outros dáimios consideravam tal extravagância exterior um desperdício de dinheiro, uma inovação desnecessária. Até Blackthorne concordara. Os exércitos da Europa nunca usavam uniforme — que rei se poderia permitir tal luxo, a não ser para uma guarda pessoal?

Ele estava numa pequena colina com Yabu e os seus ajudantes, Jozen com todos os seus homens, e Mariko. Tratava-se do primeiro ensaio em grande escala de um ataque e ele aguardava, inquieto. Yabu estava excecionalmente tenso, e Omi e Naga haviam-se mostrado suscetíveis quase ao ponto da beligerância. Especialmente Naga.

— O que se passa com todos? — perguntara ele a Mariko.

— Talvez queiram sair-se bem diante do seu senhor e do seu convidado.

— Ele também é um dáimio?

— Não. Mas é importante, um dos generais do Senhor Ishido. Seria bom se tudo estivesse perfeito hoje.

— Gostava que me tivessem dito que ia haver um ensaio.

— O que teria adiantado? Fez tudo o que poderia ter feito.

Sim, pensou Blackthorne, enquanto observava os quinhentos. *Mas eles ainda não estão nem perto de prontos. Yabu também o sabe, certamente, todos o sabem. Então, se houver algum desastre, bem, é carma,* disse a si mesmo com mais confiança, e este pensamento trouxe-lhe algum conforto.

Os atacantes ganhavam velocidade e os defensores continuavam à espera sob os estandartes dos seus capitães, zombando do «inimigo» como normalmente fariam, dispostos numa formação pouco rígida, com três ou quatro homens de profundidade. Em breve, os atacantes haviam de desmontar fora do alcance das flechas. Então, os guerreiros mais valentes de ambos os lados avançariam truculentamente para lançar o desafio, proclamando a sua linhagem e superioridade com o mais óbvio dos insultos. Os confrontos armados individuais começariam então, aumentando gradualmente em número, até que um comandante ordenasse um ataque geral e, então, seria cada um por si.

Normalmente, o número maior derrotava o menor, e então as reservas eram convocadas e usadas, e mais uma vez todos se enfrentavam corpo a corpo até que o ânimo de um dos lados cedesse, e os poucos cobardes que recuassem depressa se vissem na companhia de muitos, seguindo-se a derrota. A traição não era coisa rara. Por vezes, seguindo as ordens do seu senhor, regimentos inteiros mudavam de lado, para serem recebidos como aliados — sempre bem-vindos, mas nunca dignos de confiança. Por vezes, os comandantes derrotados fugiam para se reorganizar e lutar novamente. Por vezes, ficavam e combatiam até à morte, por vezes cometiam *seppuku* com grande cerimónia. Raramente se deixavam capturar. Alguns ofereciam os seus préstimos aos vencedores. Por vezes, isto era aceite, mas na maioria das vezes recusado. A morte era o destino dos vencidos, rápida para os corajosos e coberta de vergonha para os cobardes. E este era o padrão histórico de todas as escaramuças naquela terra, mesmo em grandes batalhas, os soldados sendo os mesmos que em qualquer outro lugar, com a exceção de que ali eram mais ferozes e muitos, muitos mais estavam preparados para morrer pelos seus senhores do que em qualquer outro lugar no mundo.

O troar dos cascos ecoou no vale.

— Onde está o comandante do ataque? Onde está Omi-san? — perguntou Jozen.

— Entre os homens, seja paciente — respondeu Yabu.

— Mas onde está o estandarte dele? E porque é que ele não usa armadura de batalha e plumas? Onde está o estandarte do comandante? Mais parecem um bando de bandidos inúteis e imundos!

— Seja paciente! Todos os oficiais têm ordens para não se identificarem como tal. Já lhe disse. E, por favor, não se esqueça de que estamos a fingir que uma batalha está a ser travada, que isto faz parte de uma grande batalha, com reservas e arm…

— Onde estão as espadas deles? — explodiu Jozen. — Nenhum deles traz espadas! Samurais sem espadas? Seriam massacrados!

— Seja paciente!

Agora, os atacantes estavam a desmontar. Os primeiros guerreiros destacaram-se das fileiras de defesa para mostrar a sua bravura. Um número igual começou a fazer-lhes frente. Então, de repente, a massa informe de atacantes precipitou-se em cinco grupos, falanges disciplinadas, cada uma delas com quatro fileiras de vinte e cinco homens, três falanges à frente e duas em reserva, quarenta passos atrás. Como um só, atacaram o inimigo. Quando já o

tinha ao seu alcance, estacaram e as fileiras da frente dispararam uma salva ensurdecedora em uníssono. Gritos e homens a tombar. Jozen e os seus homens abaixaram-se por reflexo, depois observaram horrorizados enquanto as primeiras fileiras se ajoelhavam e começavam a recarregar enquanto as segundas disparavam acima deles, com as terceiras e as quartas a seguir o mesmo padrão. Com cada salva, mais defensores caíam e o vale enchia-se de gritos, berros e grande confusão.

— Está a matar os seus próprios homens! — gritou Jozen acima do alvoroço.

— É munição de pólvora seca, não é verdadeira. Estão todos a fingir, mas imagine que é um ataque real com balas reais! Veja!

Agora, os defensores «recuperavam» do choque inicial. Reorganizaram-se e viraram-se para um ataque frontal. Mas por esta altura as fileiras da frente já tinham recarregado e, seguindo ordens, disparavam nova salva de uma posição ajoelhada, depois as segundas dispararam em pé, imediatamente se ajoelhando para recarregar, depois as terceiras e as quartas, tudo como antes, e embora muitos mosqueteiros fossem lentos e as fileiras já estivessem pouco ordenadas, era fácil imaginar a terrível mortandade que homens treinados poderiam causar. O contra-ataque vacilou, depois desintegrou-se e os defensores recuaram numa confusão simulada, subindo para apenas se deterem abaixo dos observadores. Muitos «mortos» cobriam o terreno.

Jozen e os seus homens estavam visivelmente abalados.

— Aquelas armas rebentariam qualquer linha!

— Espere. A batalha não terminou!

Mais uma vez, os defensores reorganizaram-se e agora os seus comandantes exortavam-nos à vitória, chamavam as reservas e ordenavam o derradeiro ataque geral. Enquanto soltavam os seus terríveis gritos de guerra, os samurais desceram a colina para se abater sobre o inimigo.

— Agora, eles vão ser esmagados — disse Jozen, apanhado como todos eles pelo realismo daquela batalha simulada.

E não se enganou. As falanges não se aguentaram. Os homens cederam e fugiram diante dos gritos de batalha dos verdadeiros samurais com as suas espadas e lanças, e Jozen e os seus homens contribuíram com os seus gritos de desprezo enquanto os regimentos avançavam para a matança. Os mosqueteiros fugiam como Comedores de Alho, cem passos, duzentos passos, trezentos, e de repente, sob comando, as falanges reorganizaram-se, desta feita numa formação em «V». As salvas devastadoras recomeçaram. O contra-ataque vacilou. Depois, parou. Mas as armas de fogo continuaram. Então, também

elas pararam. A encenação cessou. Mas todos os que estavam ali sabiam que, em condições reais, os dois mil teriam sido massacrados.

Agora, no silêncio, defensores e atacantes começaram a arrumar-se. Os «corpos» levantaram-se, as armas foram recolhidas. Ouviam-se gargalhadas e gemidos. Muitos homens coxeavam e alguns estavam gravemente feridos.

— Congratulo-o, Yabu-sama — disse Jozen com grande sinceridade. — Agora, entendo o que todos queriam dizer.

— Os disparos foram irregulares — disse Yabu, interiormente encantado. — Serão precisos meses para os termos treinados.

Jozen abanou a cabeça.

— Eu não gostaria de os atacar agora. Não se eles tivessem munição verdadeira. Nenhum exército seria capaz de resistir a uma investida assim; nenhuma linha da frente. Seria impossível manter fileiras cerradas. E então bastaria mandar soldados vulgares e cavalaria pela brecha e haviam de subir pelos lados e acabar com isto. — Agradecia a todos *os kami* por ter tido o bom senso de assistir a um ataque. — Foi terrível de ver. Por um momento, pensei que a batalha fosse real.

— Eles receberam ordens para fazer com que parecesse real. E agora pode passar os meus mosqueteiros em revista, se desejar.

— Obrigado. Seria uma honra.

Os defensores dirigiam-se agora para os seus acampamentos na encosta mais distante. Os quinhentos mosqueteiros esperavam lá em baixo, perto do caminho que subia a colina para descer até à aldeia. Estavam a formar-se segundo as suas companhias, Omi e Naga à frente deles, ambos novamente envergando espadas.

— Yabu-sama?

— Sim, Anjin-san?

— Bom, não?

— Sim, bom.

— Obrigado, Yabu-sama. Eu agrado.

Mariko corrigiu-o automaticamente:

— Fico agradado.

— Ah, peço imensa desculpa! Fico agradado.

Jozen chamou Yabu à parte.

— Isto saiu tudo da cabeça do Anjin-san?

— Não — mentiu Yabu. — Mas é assim que os bárbaros lutam. Ele está apenas a treinar os homens para que saibam carregar e disparar.

— Porque não fazer o que Naga-san aconselhou? Já tem o conhecimento do bárbaro agora. Para quê arriscar a sua propagação? Ele é uma praga. Muito perigoso, Yabu-sama. Naga-san tinha razão. É verdade… os camponeses *poderiam* lutar assim. Facilmente. Livre-se do bárbaro já.

— Se o Senhor Ishido quer a cabeça dele, só tem de a pedir.

— Eu peço. Agora. — Novamente a truculência. — Eu falo com a voz dele.

— Vou considerar esse seu pedido, Jozen-san.

— E também, em seu nome, *peço* que todas as armas de fogo sejam retiradas àqueles homens de imediato.

Yabu franziu a cenho e depois dedicou toda a sua atenção às companhias ali formadas. Aproximavam-se colina acima, as suas fileiras retas e disciplinadas parecendo algo ridículas, apenas porque uma tal ordem era invulgar. A cinquenta passos de distância, detiveram-se. Omi e Naga avançaram sozinhos e apresentaram continência.

— Não foi mau para um primeiro exercício — disse Yabu.

— Obrigado, senhor — respondeu Omi. Coxeava um pouco e tinha o rosto encardido, magoado e com marcas de pólvora.

— As suas tropas teriam de usar espadas numa batalha real, Yabu-sama, *né*? — perguntou Jozen. — Um samurai tem de usar espadas…eles acabariam por ficar sem munição, *né*?

— As espadas só haviam de atrapalhar, tanto na investida como na retirada. Ah, hão de usá-las como de costume para manter o elemento da surpresa, mas pouco antes do primeiro ataque livram-se delas.

— Os samurais sempre hão de precisar de espadas. Numa verdadeira batalha. Mesmo assim, ainda bem que nunca terá de usar esta força de ataque, ou… — Jozen ia acrescentar «ou este método de guerra imundo e traiçoeiro». Em vez disso, optou por: — Ou todos teríamos de renunciar às nossas espadas.

— Talvez o façamos, Jozen-san, quando formos para a guerra.

— Abriria mão da sua lâmina de Murasama? Ou até do presente de Toranaga?

— Para vencer uma batalha, sim. Caso contrário, não.

— Então, talvez tenha de correr muito depressa para salvar a sua fruta quando o seu mosquete emperrar ou a sua pólvora ficar molhada. — Jozen riu-se desta sua graça. Yabu não.

— Omi-san! Mostre-lhe! — ordenou.

De imediato, Omi deu uma ordem. Os seus homens sacaram das curtas lâminas de baioneta que pendiam quase despercebidas na traseira do cinto e encaixaram-nas nos canos dos mosquetes.

— *À carga*

Num instante, os samurais investiram com o seu grito de guerra:

— *Kasigiiiiiii!*

Aquela floresta de aço nu parou a um passo deles. Jozen e os seus homens riam-se nervosamente em virtude da ferocidade repentina e inesperada.

— Bom, muito bom — disse Jozen. Estendeu a mão e tocou numa das baionetas. Encontrou-a extremamente afiada. — Talvez tenha razão, Yabu-sama. Esperemos que isto nunca seja posto à prova.

— Omi-san! — chamou Yabu. — Quero-os em formatura. Jozen-san vai passá-los em revista. Depois, volte para o acampamento. Mariko-san, Anjin-san, sigam-me! — Desceu pelo meio das fileiras, seguido pelos seus ajudantes, Blackthorne e Mariko.

— Formem no caminho. Guardem as baionetas!

Metade dos homens obedeceu imediatamente, deu meia-volta e desceu novamente a encosta. Naga e os seus duzentos e cinquenta samurais permaneceram onde estavam, com as baionetas ainda em riste.

Jozen eriçou-se:

— O que se passa aqui?

— Considero os seus insultos intoleráveis — disse Naga causticamente.

— Isso é um disparate. Eu não o insultei, nem insultei ninguém! As suas baionetas é que são um insulto à minha posição! Yabu-sama!

Yabu voltou-se para trás. Agora, ele estava do outro lado do contingente de Toranaga.

— Naga-san, qual é o significado disto? — perguntou ele friamente.

— Não posso perdoar os insultos deste homem ao meu pai… ou a mim.

— Ele está protegido. Não lhe pode tocar agora! Ele conta com a proteção da cifra dos Regentes!

— Peço que me desculpe, Yabu-sama, mas isto é entre mim e Jozen-san.

— Não. Aqui, o Naga-san está sob as minhas ordens. Ordeno-lhe que diga aos seus homens para regressarem ao acampamento.

Nenhum dos homens se mexeu. Começou a chover.

— Com o seu perdão, Yabu-san, peço que me desculpe, mas isto é entre mim e ele e, aconteça o que acontecer, absolvo-o de qualquer responsabilidade pelos meus atos e pelos dos meus homens.

Atrás dele, um dos homens de Jozen desembainhou a espada e investiu direito às costas desprotegidas de Naga. Uma salva de vinte mosquetes rebentou-lhe a cabeça num instante. Os mesmos vinte homens ajoelharam-se e começaram a recarregar. A segunda fileira estava a postos.

— Quem ordenou o uso de munição real? — perguntou Yabu.

— Eu ordenei. Eu, Yoshi Naga-noh-Toranaga!

— Naga-san! Ordeno-lhe que deixe Nebara Jozen e os seus homens partirem em liberdade. Ordeno-lhe que se retire para os seus aposentos até que eu possa consultar o Senhor Toranaga a respeito desta sua insubordinação!

— Claro que há de informar o Senhor Toranaga e carma é carma. Mas lamento, Senhor Yabu, primeiro este homem tem de morrer. Todos eles têm de morrer. Hoje!

— Estou protegido pelos Regentes! — guinchou Jozen. — Não ganhará nada com a minha morte.

— Recupero a minha honra, *né*? — contrapôs Naga. — Retribuo os seus escárnios contra meu pai e os insultos que me dirigiu. Mas teria de morrer de qualquer maneira. *Né*? Eu não poderia ter sido mais claro ontem à noite. Agora, viu um ataque. Não posso correr o risco de Ishido ficar a saber de todo — a sua mão indicou o campo de batalha com um gesto abrangente —, todo este horror!

— Ele já sabe! — deixou Jozen escapar, dando graças pela sua presciência na noite anterior. — Ele já sabe! Mandei em segredo uma mensagem por pombo de madrugada! Não ganha nada se me matar, Naga-san!

Naga fez sinal a um dos seus homens, um velho samurai que se adiantou e largou o pombo estrangulado aos pés de Jozen. Depois, a cabeça decepada de um homem também foi largada no chão — a cabeça do samurai, Masumoto, enviado na véspera por Jozen com o pergaminho. Os olhos ainda estavam abertos, os beiços arreganhados numa careta cheia de ódio. A cabeça começou a rolar pelo meio das fileiras até parar contra uma pedra.

Um gemido escapou-se dos lábios de Jozen. Naga e todos os seus homens riram-se. Até Yabu sorriu. Outro samurai de Jozen saltou direito a Naga. Vinte mosquetes acabaram com ele, e o homem ao lado dele, que nem sequer se mexera, também caiu em agonia, mortalmente ferido.

O riso cessou.

— Ordeno aos meus homens que ataquem, senhor? — perguntou Omi. Tinha sido tão fácil manipular Naga.

Yabu enxugou a chuva que se lhe acumulava no rosto.

— Não, isso não levaria a nada. Jozen-san e os seus homens já estão mortos, faça eu o que fizer. É o carma dele, assim como Naga-san tem o seu. Naga-san! — gritou. — Pela última vez, ordeno-lhe que deixe todos partirem!

— Peço que me desculpe, mas tenho de recusar.

— Muito bem. Quando terminar, apresente-se.

— Sim. Devia haver uma testemunha oficial, Yabu-sama. Pelo Senhor Toranaga e pelo Senhor Ishido.

— Omi-san, fica aqui. Tratará de assinar a certidão de óbito e da redação do despacho. Naga-san e eu assinaremos também.

Naga apontou para Blackthorne.

— Ele que fique também. Igualmente como testemunha. Ele é responsável pelas suas mortes, devia testemunhá-las.

— Anjin-san, vá para ali. Para o lado de Naga-san! Percebe?

— Sim, Yabu-san. Percebo, mas porquê, por favor?

— Para ser uma testemunha.

— Desculpe, não entendo.

— Mariko-san, explique-lhe o que é «testemunha», que ele deve testemunhar o que vai acontecer… depois, siga-me. — Escondendo a sua grande satisfação, Yabu deu meia-volta e foi-se embora.

— Yabu-sama! — guinchou Jozen. — Por favor! Yabuuuuu-samaaaa!

Blackthorne ficou a ver. Quando aquilo terminou, foi-se embora. Reinava o silêncio em sua casa e um manto de névoa parecia cobrir a aldeia. Um banho não o fez sentir-se limpo. O saquê não lhe tirou aquele sabor amargo da boca. O incenso não lhe apagou o fedor que sentia nas narinas.

Mais tarde, Yabu mandou chamá-lo. O ataque foi dissecado, momento a momento. Omi e Naga estavam lá com Mariko; Naga, como sempre, frio, a ouvir, raramente comentando, ainda como segundo no comando. Nenhum deles parecia afetado pelo que havia acontecido.

Trabalharam até depois de o sol se pôr. Yabu ordenou que o ritmo do treino aumentasse. Um segundo grupo de quinhentos devia ser formado imediatamente. Uma semana depois, mais um.

Blackthorne voltou para casa sozinho e comeu sozinho, atormentado pela sua terrível descoberta: *Eles não têm noção do que é pecado, nenhum deles tem consciência — nem mesmo Mariko.*

Naquela noite, não conseguiu dormir. Saiu de casa, o vento dificultando-lhe os movimentos. Rajadas cobriam as ondas de espuma. Uma mais forte, em terra, deixou uma cabana da aldeia coberta de detritos. Os cães uivavam para o céu e procuravam algo de comer. Os telhados de palha de arroz pareciam estar vivos. As persianas batiam e homens e mulheres, quais fantasmas silenciosos, esforçavam-se para as fechar e trancar. A maré subiu bastante. Todos os barcos de pesca tinham sido recolhidos para lugar seguro, muito mais acima na praia do que o habitual. Tudo estava trancado.

Ele percorreu a praia e depois voltou para casa, inclinando-se contra a força do vento. Não tinha encontrado ninguém. A chuva caía com força e ele depressa ficou encharcado.

Fujiko esperava por ele no alpendre, o vento fustigando-a, fazendo gotejar a lamparina de óleo. Todos estavam acordados. Os criados carregavam objetos de valor para o atarracado armazém de pedra e adobe ao fundo do jardim.

Ainda não se podia dizer que o vendaval fosse ameaçador.

Uma telha soltou-se quando o vento se introduziu sob o beiral e todo o telhado estremeceu. A telha caiu e quebrou-se ruidosamente. Os criados corriam, alguns preparando baldes, outros tentando consertar o telhado. O velho jardineiro, Ueki-ya, ajudado por crianças, amarrava os arbustos e árvores a estacas de bambu.

Outra rajada sacudiu a casa.

— Vai cair, Mariko-san.

Ela não disse nada, o vento atacando-a a ela e a Fujiko, ambas com lágrimas causadas pelo vento nos cantos dos olhos. Ele olhou para a aldeia. Agora, destroços e detritos voavam por toda a parte. Então, o vento entrou por um rasgão no *shoji* de papel de uma residência e toda a parede desapareceu, deixando apenas um esqueleto quadriculado. A parede oposta desfez-se e o telhado desabou.

Blackthorne virou-se impotente quando o *shoji* do seu quarto foi arrancado. Aquela parede desapareceu e a oposta também. Em breve, todas as paredes estavam em pedaços. Ele conseguia ver através da casa. Mas os suportes do telhado resistiram e as telhas não se mexeram. Roupas de cama, lanternas e esteiras voavam, arrastadas, os criados atrás delas.

A tempestade demoliu as paredes de todas as casas da aldeia. E algumas habitações foram destruídas por completo. Ninguém ficou gravemente

ferido. Ao amanhecer, o vento diminuiu e homens e mulheres começaram a reconstruir as suas casas.

Ao meio-dia, as paredes da casa de Blackthorne tinham sido refeitas e metade da aldeia voltara ao normal. As leves paredes de treliça precisavam de pouco trabalho para serem recolocadas, apenas pinos de madeira e amarrações para juntas que eram sempre executadas com grande destreza. Os telhados de telhas e palha eram mais difíceis, mas ele viu que as pessoas se entreajudavam, sorridentes, rápidas e já com muita prática. Mura corria pela aldeia, aconselhando, orientando, repreendendo e supervisionando. Subiu a colina para inspecionar os progressos.

— Mura, até faz… — Blackthorne procurou as palavras. — Até faz com que pareça fácil.

— Ah, obrigado, Anjin-san! Sim, obrigado, mas tivemos a sorte de não haver incêndios.

— Incendeiam muitas vezes?

— Peço desculpa. «Têm incêndios muitas vezes?»

— Têm incêndios muitas vezes? — repetiu Blackthorne.

— Sim. Mas eu ordenei que a aldeia se preparasse. *Preparasse,* entende?

— Sim.

— Quando estas tempestades vêm… — Mura ficou hirto e olhou por cima do ombro de Blackthorne. A sua vénia foi acentuada.

Omi aproximava-se com o seu passo saltitante e fácil, os seus olhos amigáveis fixos apenas em Blackthorne, como se Mura não existisse.

— Bom dia, Anjin-san — disse ele.

— Bom dia, Omi-san. A sua casa está boa?

— Está tudo bem. Obrigado. — Omi olhou para Mura e disse bruscamente: — Os homens deviam estar a pescar ou a trabalhar nos campos. As mulheres também. Yabu-sama quer os seus impostos. Estás a tentar envergonhar-me diante dele com essa preguiça?

— Não, Omi-sama. Por favor, peço que me desculpe. Cuidarei disso imediatamente.

— Não devia ser preciso dizer-te. Da próxima, não te digo.

— Peço desculpa pela minha estupidez.

Mura partiu apressado.

— Está bem hoje — disse Omi a Blackthorne. — Sem problemas durante a noite?

— Bom hoje, obrigado. E consigo?

Omi falou demoradamente. Blackthorne não percebeu tudo, tal como não entendera tudo o que ele tinha dito a Mura, apenas algumas palavras aqui, outras ali.

— Sinto muito. Não entendo.

— Gostar? Gostou de ontem? O ataque? A batalha «a fingir»?

— Ah, percebo! Sim, acho bom.

— E o testemunho?

— Por favor?

— Testemunho! O *ronin* Nebara Jozen e os seus homens? — Omi imitou o golpe de baioneta com uma risada. — Testemunhou a morte deles. Mortes! Entende?

— Ah, sim! A verdade, Omi-san, não gosto de matanças.

— Carma, Anjin-san.

— Carma. Treinos hoje?

— Sim. Mas Yabu-sama quer só falar. Mais tarde. Entende, Anjin-san? Falar só, mais tarde — repetiu Omi pacientemente.

— Falar só. Entender.

— Está a começar a falar muito bem a nossa língua. Sim. Muito bem.

— Obrigado. Difícil. Tempo pequeno.

— Sim. Mas é um bom homem e esforça-se muito. Isso é importante. Nós damos-lhe tempo, Anjin-san, não se preocupe, eu ajudo. — Omi podia ver que a maior parte do que estava a dizer se perdia, mas não se importava, desde que o Anjin-san entendesse a essência. — Quero ser seu amigo — disse ele, depois repetiu com muita clareza. — Entende?

— Amigo? Eu entendo «amigo».

Omi apontou para si mesmo e depois para Blackthorne.

— Eu quero ser seu amigo.

— Ah! Obrigado. Honrado.

Omi sorriu novamente e curvou-se, de igual a igual, e foi-se embora.

— Amigo dele? — resmoneou Blackthorne. — Será que se esqueceu? Eu não.

— Ah, Anjin-san! — disse Fujiko, correndo direita a ele. — Gostaria de comer? Yabu-sama há de mandar buscá-lo em breve.

— Sim, obrigado. Muitas quebras? — perguntou ele, apontando para a casa.

— Com a sua licença, peço imensa desculpa, mas devia dizer: «Houve muitos estragos?»

— Houve muitos estragos?

— Nenhum estrago pesado, Anjin-san.

— Bom. Sem ferimentos?

— Com a sua licença, peço imensa desculpa, mas devia dizer: «Ninguém ficou ferido?»

— Obrigado. Ninguém ficou ferido?

— Não, Anjin-san. Ninguém ficou ferido.

De repente, Blackthorne sentiu-se cansado de ser continuamente corrigido, pelo que concluiu a conversa com uma ordem.

— Estou fome. Comida!

— Sim, imediatamente. Peço imensa desculpa, mas devia dizer: «Estou *com fome.* Uma pessoa tem fome, ou está com fome.» — Esperou até que ele o dissesse corretamente e, então, foi-se embora.

Ele sentou-se no alpendre e ficou a ver Ueki-ya, o velho jardineiro, a tentar pôr ordem nos estragos e nas folhas espalhadas. Podia ver mulheres e crianças a reparar a aldeia e barcos que iam para o mar cortando as ondas picadas. Outros aldeões estavam de partida para os campos, o vento agora mais fraco. *Sempre gostava de saber que impostos têm eles de pagar*, pensou. *Não gostava nada de ser um camponês aqui. Não só aqui… em qualquer lugar.*

Ao amanhecer, sentira-se angustiado com a aparente devastação da aldeia.

— Uma tempestade como aquela dificilmente afetaria uma casa inglesa — dissera ele a Mariko. — Oh, foi um vendaval, sim, mas não muito ruim. Porque não constroem com pedras ou tijolos?

— Por causa dos terramotos, Anjin-san. Qualquer edifício de pedra havia de rachar e desabar, claro, e provavelmente ferir ou matar os habitantes. Com este nosso estilo de construção há poucos estragos. Vai ver como tudo se refaz rapidamente.

— Sim, mas há o risco de incêndio. E o que acontece quando vêm os Grandes Ventos? Os *tai-fun*?

— É muito mau nessa altura.

Ela havia-lhe explicado os *tai-fun* e as suas estações: de junho a setembro, por vezes mais cedo, por vezes mais tarde. E as outras catástrofes naturais também.

Alguns dias antes, houvera outro tremor. Tinha sido ligeiro. Uma chaleira caíra do braseiro, que se virara. Felizmente, as brasas tinham sido apagadas. Uma casa pegara fogo na aldeia, mas as chamas não se tinham espalhado. Blackthorne nunca tinha visto um combate ao incêndio tão eficiente. Fora isso, ninguém na aldeia prestara muita atenção. Tinham-se rido e tratado de seguir com a sua vida.

— Porque se riem?

— Consideramos muito embaraçoso e indelicado demonstrar sentimentos fortes, principalmente medo, pelo que os escondemos com uma risada ou um sorriso. Claro que todos temos medo, embora nunca devamos mostrá-lo.

Alguns de vocês mostram, pensou Blackthorne.

Nebara Jozen mostrara-o bem. Tivera uma morte feia, a chorar de medo, a implorar misericórdia, a sua morte sendo lenta e cruel. Fora-lhe permitido fugir, depois fora submetido a cuidadosos golpes de baioneta entre gargalhadas, e então forçado a correr de novo antes de lhe cortarem os tendões entre as coxas e a barriga das pernas. Então, tinham-no deixado arrastar-se, para depois o estriparem lentamente enquanto gritava, o sangue a escorrer misturado com mucosidades e excrementos, ao que o haviam deixado para morrer.

Em seguida, Naga voltara a sua atenção para os outros samurais. De imediato, três dos homens de Jozen tinham-se ajoelhado, exposto a barriga e encostado as lâminas curtas para cometerem o *seppuku* ritual. Três dos seus camaradas estavam atrás como seus segundos, as espadas longas empunhadas e erguidas, com as duas mãos, todos eles agora sem serem importunados por Naga e pelos seus homens. Quando pegaram nas suas lâminas, os samurais ajoelhados esticaram o pescoço e as três espadas desceram e decapitaram-nos com um único golpe. Os dentes bateram quando as cabeças tombaram; depois, silêncio. As moscas era muitas.

Depois, dois samurais ajoelharam-se, o último homem a postos para ser o segundo de ambos. O primeiro dos que se ajoelharam foi decapitado à maneira dos seus camaradas quando pegou na lâmina. O outro disse:

— Não. Eu, Hirasaki Kenko, sei como morrer, como um samurai deve morrer.

Kenko era um jovem ágil, perfumado e quase bonito, de pele clara, cabelo bem oleado e muito bem penteado. Pegou na lâmina com reverência e envolveu-a parcialmente com a faixa para a conseguir segurar melhor.

— Protesto contra a morte de Nebara Jozen-san e dos seus homens — disse ele com firmeza, curvando-se para Naga. Olhou uma última vez para o céu e brindou o seu segundo com um último sorriso tranquilizador. — *Sayonara,* Tadeo. — Então, cravou a lâmina profundamente no lado esquerdo do estômago. Rasgou-o por completo com as duas mãos, retirou a lâmina e mergulhou-a fundo novamente, logo acima das virilhas, e puxou-a para cima em silêncio. As entranhas dilaceradas derramaram-se-lhe no colo e quando

o seu rosto horrivelmente contorcido e agonizante se inclinou para a frente, o seu segundo fez descer a espada num único arco cortante.

Naga pegou pessoalmente na cabeça pelo nó do cabelo, limpou a sujidade e fechou-lhe os olhos. Depois, disse aos seus homens que aquela cabeça devia ser lavada, embrulhada e enviada a Ishido com todas as honras, com um relato completo da bravura de Hirasaki Kenko.

O último samurai ajoelhou-se. Não sobrava nenhum para ser seu segundo. Ele também era novo. Os dedos tremiam-lhe e o medo consumia-o. Duas vezes cumprira o seu dever para com os seus camaradas, duas vezes cortara de forma limpa e honrosa, salvando-os da provação da dor e da vergonha do medo. E esperara uma vez que o seu amigo mais querido morresse como um samurai devia morrer, autoimolado num silêncio prenhe de orgulho, e então mais uma vez cortara de forma limpa e com perfeita destreza. Nunca havia matado antes.

Os seus olhos focaram-se na lâmina. Destapou a barriga e rezou pela coragem do seu amante. As lágrimas acumulavam-se, mas ele transformou o seu rosto numa máscara imóvel e sorridente. Desenrolou a faixa e envolveu parcialmente a lâmina. Então, visto que ele cumprira bem o seu dever, Naga fizera sinal ao seu tenente.

Este avançou e fez uma vénia, apresentando-se formalmente.

— Osaragi Nampo, Capitão da Nona Legião do Senhor Toranaga. Seria para mim uma honra ser seu segundo.

— Ikomo Tadeo, Primeiro Oficial, vassalo do Senhor Ishido — respondeu o jovem. — Obrigado. Seria para mim uma honra aceitá-lo como meu segundo.

A morte dele foi rápida, indolor e honrosa.

As cabeças foram recolhidas. Mais tarde, Jozen voltou à vida entre gritos esganiçados. Impotentes, as suas mãos frenéticas tentavam reconstituir o que lhe restava da barriga.

Deixaram-no entregue aos cães que tinham vindo da aldeia.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Às onze da manhã, a Hora do Cavalo, dez dias depois da morte de Jozen e de todos os seus homens, três galés contornaram o promontório de Anjiro.

Vinham as três pejadas de tropas. Toranaga desembarcou. Ao lado dele estava Buntaro.

— Primeiro, quero ver um exercício de ataque, Yabu-san, com os quinhentos originais — disse Toranaga. — De imediato.

— Poderia ser amanhã? Sempre me dava tempo para me preparar — disse Yabu afavelmente, mas por dentro estava furioso com a chegada repentina de Toranaga e ainda mais com os seus espiões por não o terem avisado. Mal tivera tempo para correr até à praia com uma guarda de honra. — Deve estar cansado…

— Não estou cansado, obrigado — disse Toranaga, intencionalmente brusco. — Não preciso de «defensores» nem de um cenário elaborado, gritos ou de mortes fingidas. Esquece, velho amigo, que já participei em e encenei peças *nô* suficientes para saber usar a minha imaginação. Não sou um *ronin*-camponês! Por favor, ordene o exercício imediatamente.

Encontravam-se na praia junto ao cais. Toranaga estava rodeado de guardas de elite, e mais guardas saíam da galé atracada. Outros mil samurais fortemente armados esperavam compactados nas duas galés que aguardavam perto da costa. O dia estava quente, o céu sem nuvens, com ondas ligeiras e uma neblina de calor no horizonte.

— Igurashi, trate disso!

Yabu reprimiu a raiva. Desde a primeira mensagem que enviara a respeito da chegada de Jozen, onze dias antes, apenas recebera escassos e evasivos relatórios de Yedo, enviados pela sua própria rede de espionagem, e nada mais do que respostas esporádicas e irritantemente inconclusivas de Toranaga aos seus apelos cada vez mais urgentes: «Sua mensagem recebida e sob sério estudo.» «Chocado com suas notícias sobre meu filho. Aguarde mais instruções.» Depois, há quatro dias: «Os responsáveis pela morte de Jozen serão punidos. Deverão permanecer nos seus postos, mas continuarão detidos até que eu possa consultar o Senhor Ishido.» E na véspera, a bomba: «Hoje recebi o convite formal do novo Conselho de Regentes para a Cerimónia de Observação das Flores em Osaka. Quando pensa partir? Informe imediatamente.»

— Certamente, isto não significa que Toranaga pensa ir? — perguntara Yabu, perplexo.

— Ele está a forçá-lo a dizer que de lado está — fora a resposta de Igurashi. — Qualquer que seja a sua resposta, o senhor fica encurralado.

— Concordo — dissera Omi.

— Porque não estamos a receber notícias de Yedo? O que é feito dos nossos espiões?

— É quase como se Toranaga tivesse aplicado um cobertor sobre todo o Kwanto — dissera-lhe Omi. — Talvez saiba quem são os seus espiões!

— Hoje é o décimo dia, senhor — lembrara Igurashi a Yabu. — Tudo está pronto para a sua partida para Osaka. Deseja partir ou não?

Agora, ali na praia, Yabu dava graças ao seu *kami* guardião que o levara a aceitar o conselho de Omi de ficar até ao último dia possível.

— A respeito da sua última mensagem, Toranaga-sama, aquela que chegou ontem — disse ele. — De certeza que não vai a Osaka?

— O Yabu-san vai?

— Reconheço-o como líder. É claro que tenho aguardado a sua decisão.

— A minha decisão é fácil, Yabu-sama. Mas a sua é difícil. Se for, os Regentes certamente lhe cortarão a cabeça por destruir Jozen e os seus homens. E Ishido está mesmo muito zangado… e com razão. *Né*?

— Não fui eu, Senhor Toranaga. A destruição de Jozen, por mais merecida que tenha sido, foi contra as minhas ordens.

— Ainda bem que Naga-san tratou do assunto, *né*? Caso contrário, ter-lhe-ia certamente cabido a si resolvê-lo. Discutirei Naga-san mais tarde, mas venha, podemos falar enquanto vamos para o campo de treino. Não temos de perder tempo. — Toranaga partiu com o seu passo rápido, os seus guardas seguindo-o de perto. — Sim, está mesmo num dilema, velho amigo. Se for, perde a cabeça, perde Izu e, claro, toda a sua família Kasigi acaba no campo de execução. Se ficar, o Conselho ordenará o mesmo. — Olhou para ele. — Talvez devesse fazer o que sugeriu que eu fizesse da última vez que estive em Anjiro. Terei todo o gosto em ser seu segundo. Talvez a sua cabeça alivie o mau humor de Ishido quando me encontrar com ele.

— A minha cabeça não tem valor para Ishido.

— Não concordo.

Buntaro intercetou-os:

— Com a sua licença, senhor. Onde quer que os homens fiquem?

— No planalto. Monte o seu acampamento permanente lá. Duzentos guardas ficarão comigo na fortaleza. Quando tiver terminado os preparativos, venha ter comigo. Quero que veja o exercício de treino.

Buntaro partiu apressado.

— Acampamento permanente? Vai ficar aqui? — perguntou Yabu.

— Não, apenas os meus homens. Se o ataque for tão bom quanto ouvi dizer, formaremos nove batalhões de assalto de quinhentos samurais cada.

— Como?!

— Sim. Trouxe-lhe mais mil samurais selecionados agora. Os outros mil serão dados por si.

— Mas não há armas suficientes e o tr…

— Lamento muito, está enganado. Trouxe mil mosquetes e muita pólvora e munição. O resto chegará dentro de uma semana com mais mil homens.

— Teremos nove batalhões de assalto?

— Sim. Serão um regimento. Buntaro ficará no comando.

— Talvez fosse melhor se eu fizesse isso. Ele será…

— Ah, mas esquece de que o Conselho se vai reunir dentro de alguns dias. Como pode comandar um regimento se vai para Osaka? Não se preparou para partir?

Yabu parou.

— Somos aliados. Concordámos que o senhor é o líder e mijámos para selar o acordo. Eu respeitei o acordo e continuo a respeitá-lo. Agora, pergunto: qual é o seu plano? Guerreamos ou não?

— Ninguém me declarou guerra. Ainda.

Yabu ansiava por desembainhar a lâmina de Yoshitomo e espalhar o sangue de Toranaga na terra, de uma vez por todas, fosse qual fosse o preço. Podia sentir a respiração dos guardas de Toranaga em seu redor, mas queria lá saber.

— O Conselho não é a sua sentença de morte também? Ouvi-o da sua boca. Depois de eles se reunirem, terá de obedecer. *Né*?

— Claro.

Toranaga fez um sinal para que os seus guardas recuassem, apoiando-se com à-vontade na espada, as suas pernas atarracadas bem afastadas e firmes.

— Então, qual é a sua decisão? O que propõe?

— Primeiro, ver um ataque.

— Depois?

— Depois, ir à caça.

— Vai a Osaka?

— Claro.

— Quando?

— Quando me aprouver.

— Quer com isso dizer, *não* quando aprouver a Ishido.

— Quero dizer, quando me aprouver.

— Ficaremos isolados — disse Yabu. — Não podemos ir contra todo o Japão, mesmo com um regimento de assalto, e não temos como treiná-lo em dez dias.

— Sim.

— Então, qual é o plano?

— O que aconteceu com Jozen e Naga-san, exatamente?

Yabu contou-lhe a verdade, omitindo apenas o facto de Naga ter sido manipulado por Omi.

— E o meu bárbaro? Como se tem comportado o Anjin-san?

— Bem. Muito bem. — Yabu referiu a tentativa de *seppuku* na primeira noite e como ele havia vergado o Anjin-san para benefício de ambos.

— Isso foi inteligente — disse Toranaga lentamente. — Eu nunca teria imaginado que ele tentaria cometer *seppuku*. Interessante.

— Foi uma sorte eu ter dito a Omi que estivesse preparado.

— Sim.

Impaciente, Yabu esperou por mais, mas Toranaga manteve o silêncio.

— A notícia que enviei, a respeito de o Senhor Ito se tornar regente — disse Yabu por fim. — Sabia disso antes de eu enviar a mensagem?

Toranaga não respondeu de imediato.

— Já ouvira rumores. O Senhor Ito é a escolha perfeita para Ishido. Esse pobre tolo sempre gostou de ser possuído enquanto tem o nariz enfiado no ânus de outro homem. Hão de dar bons companheiros de cama.

— Não obstante, o voto dele servirá para o destruir.

— Desde que haja um Conselho.

— Ah, então tem um plano?!

— Tenho sempre um plano… ou planos… não sabia? Mas… qual é o seu plano, Aliado? Se quiser ir, vá. Se quiser ficar, fique. Escolha! — Retomou a sua marcha.

Mariko entregou a Toranaga um pergaminho coberto de caracteres escritos em letras minúsculas.

— Isto é tudo? — perguntou ele.

— Sim, senhor — respondeu ela, desagradada com o ar viciado naquela cabina, e por estar novamente a bordo da galé, mesmo que atracada no cais.

— Muito do que está no Manual de Guerra será repetido, mas eu tomava notas todas as noites e assentava tudo conforme ia acontecendo… ou tentava. É quase como um diário do que foi dito e aconteceu desde que partiu.

— Muito bem. Alguém mais o leu?

— Não que eu saiba. — Ela usou o leque para se refrescar. — A consorte e os criados do Anjin-san viram-me a escrever, mas mantive-o trancado.

— Quais são as suas conclusões?

Mariko hesitou. Olhou para a porta da cabina e para a vigia fechada.

— Apenas os meus homens estão a bordo e ninguém está aqui em baixo — disse Toranaga. — Exceto nós.

— Sim, senhor. Acabei de me lembrar de que o Anjin-san diz que não há segredos a bordo de um navio. Peço que me perdoe. — Ela pensou por um momento e, então, disse com segurança: — O Regimento de Mosquetes vencerá uma batalha. Os bárbaros poderiam destruir-nos se desembarcassem em força com armas e canhões. O meu senhor tem de ter uma marinha bárbara. Até agora, o conhecimento do Anjin-san tem sido extremamente valioso para si, tanto que deve ser mantido em segredo, apenas para os seus ouvidos. Nas mãos erradas, o conhecimento dele seria letal para o meu senhor.

— Quem partilha esse seu conhecimento agora?

— Yabu-san sabe muito, mas Omi-san sabe mais, ele é o mais intuitivo. Igurashi-san, Naga-san e os soldados… os soldados, é claro, entendem a estratégia, não os pormenores mais subtis e nada do conhecimento político e geral do Anjin-san. Eu, mais do que qualquer um. Anotei tudo o que ele disse, perguntou ou comentou, senhor. O melhor que me foi possível. É claro que ele só nos falou de algumas coisas, mas o seu alcance é vasto e a sua memória quase perfeita. Com paciência, ele poder-lhe-á fornecer uma imagem precisa do mundo, dos seus costumes e perigos. *Se* ele estiver a dizer a verdade.

— E está?

— Eu acredito que sim.

— Qual a sua opinião a respeito de Yabu?

— Yabu-san é um homem violento e sem quaisquer escrúpulos. Não honra nada além dos seus próprios interesses. Dever, lealdade, tradição não significam nada para ele. A sua mente tem lampejos de grande astúcia, de esplendor, até. Ele é igualmente perigoso como aliado ou inimigo.

— Tudo virtudes louváveis. O que pode ser dito contra ele?

— Um mau administrador. Os seus camponeses revoltar-se-iam se tivessem armas.

— Porquê?

— Impostos exorbitantes. Impostos ilegais. Ele fica com setenta e cinco partes de cada cem de todo o arroz, peixe e produtos agrícolas. Lançou um imposto por cabeça, um imposto sobre a terra, um imposto sobre os barcos… cada venda, cada barrica de saquê, tudo é tributado em Izu.

— Talvez eu deva contratá-lo ou ao seu intendente para o Kwanto. Bem, o que ele faz aqui é problema dele, os seus camponeses nunca terão armas, pelo que não temos nada com que nos preocupar. Eu ainda poderia usar isto como base, se necessário.

— Mas, senhor, sessenta partes é o limite legal.

— Era o limite legal. O Taikō fê-lo legal, mas ele está morto. Que mais tem sobre Yabu?

— Ele come pouco, a sua saúde parece boa, mas Suwo, o massagista, pensa que tem problemas renais. Ele tem alguns hábitos curiosos.

— Quais?

Ela descreveu-lhe a Noite dos Gritos.

— Quem lhe contou isso?

— Suwo. Também a esposa e a mãe de Omi-san.

— O pai de Yabu também costumava ferver os seus inimigos. Uma perda de tempo. Mas consigo entender a sua necessidade de o fazer ocasionalmente. E o seu sobrinho, Omi?

— Muito sagaz. Muito esperto. Completamente leal ao tio. Um vassalo muito capaz e impressionante.

— A família de Omi?

— A mãe dele é… é adequadamente firme com Midori, sua esposa, que é samurai, gentil, forte e muito boa. Todos são vassalos leais de Yabu-san. De momento, Omi-san não tem consortes, embora Kiku, a cortesã mais famosa de Izu, seja quase como uma consorte. Se ele pudesse comprar o contrato dela, penso que a traria para sua casa.

— Ele ajudar-me-ia contra Yabu se eu quisesse?

Ela ponderou. Depois, abanou a cabeça.

— Não, senhor. Não me parece. Penso que é vassalo do seu tio.

— Naga?

— Tão bom samurai quanto um homem poderia ser. Percebeu de imediato o perigo que Jozen-san e os seus homens representavam para o meu senhor, e trancou tudo até que o meu senhor pudesse ser consultado. Por mais que

deteste o Batalhão de Mosquetes, ele treina arduamente as companhias para que se tornem perfeitas.

— Considero que foi muito estúpido… deixar-se manobrar assim por Yabu. — Ela ajustou uma dobra do quimono, sem dizer nada. Toranaga abanou-se com um leque. — E o Anjin-san? — Ela já esperava esta pergunta e, agora que fora feita, todas as observações inteligentes que preparara desapareceram-lhe da cabeça. — Bem?

— Terá de avaliar pelo pergaminho, senhor. Em certas áreas, ele é impossível de explicar. É claro que a sua formação e legado não têm nada em comum com os nossos. Ele é muito complexo e está além da nossa… além da *minha* compreensão. Costumava ser muito aberto. Mas desde a sua tentativa de *seppuku*, mudou. Está mais reservado. — Falou-lhe então do que Omi havia dito e feito naquela primeira noite. E da promessa de Yabu.

— Ah, foi Omi que o impediu… não Yabu-san?!

— Sim.

— E Yabu seguiu o conselho de Omi?

— Exatamente, senhor.

— Então, Omi é o conselheiro. Interessante. Mas certamente o Anjin-san não espera que Yabu cumpra a promessa?

— Sim, absolutamente.

Toranaga riu-se.

— Que infantil!

— A «consciência» cristã encontra-se profundamente arraigada nele, lamento muito. Ele não pode evitar o seu carma, uma parte do qual é o facto de ser totalmente governado pelo ódio a uma morte, ou mortes, daqueles a quem ele chama «inocentes». Até a morte de Jozen o afetou profundamente. Durante muitas noites, o seu sono foi agitado e passou dias quase sem falar com ninguém.

— Essa «consciência» aplicar-se-ia a todos os bárbaros?

— Não, embora devesse aplicar-se a todos os bárbaros cristãos.

— Ele será capaz de perder essa «consciência»?

— Não me parece. Mas ficará tão indefeso quanto um boneco até que o faça.

— A consorte?

Mariko contou-lhe tudo.

— Bom. — Ele ficou satisfeito por a sua escolha de Fujiko e o seu plano terem funcionado tão bem. — Muito bom. Ela procedeu muito bem com a questão das armas de fogo. E os hábitos dele?

— Quase normais, com a exceção de um espantoso constrangimento sobre os assuntos de travesseiro e uma curiosa relutância em discutir as funções mais normais. — Também descreveu a sua inusitada necessidade de solidão e o seu gosto abominável no que tocava a comida. — Na maioria das outras coisas ele é atencioso, razoável, perspicaz, um bom aluno e muito curioso sobre nós e os nossos costumes. Está tudo no meu relatório, mas expliquei brevemente algo sobre o nosso modo de vida, um pouco de nós e da nossa História, sobre o Taikō e os problemas que assolam o nosso reino agora.

— Ah, sobre o Herdeiro?

— Sim, senhor. Fiz mal?

— Não. Disseram-lhe que o educasse. Como está o japonês dele?

— Muito bom, tendo em conta. Com tempo, falará muito bem a nossa língua. Ele é um bom aluno, senhor.

— Travesseiro?

— Uma das criadas — respondeu ela imediatamente.

— Ele escolheu-a?

— Foi a sua consorte que lha enviou.

— E?

— Foi mutuamente satisfatório, pelo que sei.

— Ah! Então ela não teve dificuldades.

— Não, senhor.

— Mas ele é proporcional?

— A rapariga disse: «Ah, muito sim.» «Abundante» foi a palavra que ela usou.

— Excelente. Pelo menos, nisso *o* carma dele é bom. Esse é o problema de muitos homens: Yabu por um lado, Kiyama por outro. Paus pequenos. Uma infelicidade nascer com um pau pequeno. Grande. Sim. — Ele olhou para o pergaminho e fechou o leque com um estalo. — E a Mariko-san? O que me diz de si?

— Bem, obrigada, senhor. Fico muito agradada ao vê-lo parecer tão bem. Gostaria de lhe dar os parabéns pelo nascimento do seu neto.

— Obrigado, sim. Sim, estou agradado. O menino é bem formado e parece saudável.

— E a Senhora Genjiko?

Toranaga roncou.

— Continua tão forte como sempre. Sim. — Ele franziu os lábios, meditando por um momento. — Talvez possa recomendar uma mãe adotiva para

a criança. — Era costume os filhos de samurais importantes terem mães adotivas para que a mãe natural pudesse dedicar-se ao marido e à administração da sua casa, deixando assim que a segunda mãe se concentrasse na educação da criança, tornando-a forte e um motivo de orgulho para os pais. — Receio que venha a ser complicado encontrar a pessoa certa. Não deve ser nada fácil trabalhar para a Senhora Genjiko, *né*?

— Tenho a certeza de que encontrará a pessoa perfeita, senhor. Irei certamente pensar no assunto — respondeu Mariko, ciente de que oferecer um tal conselho seria tolice, visto que nenhuma mulher viva poderia satisfazer nem Toranaga nem a sua nora.

— Obrigado. Mas, e consigo, Mariko-san?

— Estou bem, senhor, obrigada.

— E a sua consciência cristã?

— Não há conflito, senhor. Nenhum. Fiz tudo o que o senhor poderia querer. Verdadeiramente.

— Algum padre esteve aqui?

— Não, senhor.

— Precisa de um?

— Seria bom confessar-me e receber o sacramento e ser abençoada. Sim, verdadeiramente, eu gostaria disso: confessar as coisas permitidas e ser abençoada.

Toranaga estudou-a atentamente. Os seus olhos eram inocentes.

— Saiu-se bem, Mariko-san. Por favor, continue como antes.

— Sim, senhor, obrigada. Uma coisa: o Anjin-san precisa muito de um livro de gramática e de um dicionário.

— Já os pedi a Tsukku-san. — Ele reparou na expressão dela. — Não lhe parece que ele os vá enviar?

— Ele obedecerá, claro. Talvez não com a rapidez que o meu senhor gostaria.

— Em breve o saberei. — Toranaga acrescentou ameaçadoramente: — Só lhe restam treze dias.

Mariko ficou perplexa.

— Senhor? — perguntou ela, sem entender.

— Treze? Ah! — disse Toranaga com indiferença, fazendo por disfarçar o seu lapso momentâneo. — Quando estávamos a bordo do navio português, ele pediu permissão para visitar Yedo. Eu concordei, desde que o fizesse dentro de quarenta dias. Restam treze. Não foram quarenta dias o tempo que

este *bonzo*, este profeta, este Moisés passou na montanha a recolher os mandamentos de «Deus» que estavam gravados em pedra?

— Sim, senhor.

— Acredita que isso aconteceu?

— Sim. Mas não entendo como nem porquê.

— É uma perda de tempo discutir «coisas de Deus». *Né*?

— Para quem procura factos, sim, senhor.

— Enquanto esperava por este dicionário, tentou fazer um?

— Sim, Toranaga-sama. Receio que não seja muito bom. Infelizmente, parece haver tão pouco tempo, tantos problemas. Aqui… em toda a parte — acrescentou ela incisivamente.

Ele assentiu com a cabeça, ciente de que ela gostaria de saber muitas coisas: sobre o novo Conselho e a nomeação do Senhor Ito e a sentença de Naga e se a guerra seria imediata.

— Temos a sorte de ter o seu marido de volta connosco, *né*?

O leque dela imobilizou-se.

— Nunca pensei que ele escapasse com vida. Nunca. Rezei uma oração e queimei incenso em sua memória diariamente.

Buntaro contara-lhe naquela manhã como outro contingente de samurais de Toranaga cobrira a sua retirada da praia e lhe permitira chegar aos arredores de Osaka sem problemas. Depois, a cavalo com cinquenta homens escolhidos, disfarçados de bandidos, ele partira rapidamente para as colinas e caminhos secundários numa corrida precipitada para Yedo. Por duas vezes os seus perseguidores o haviam alcançado, mas não eram suficientes para o apanhar e ele conseguira abrir caminho. Uma vez, dera por si emboscado e perdera todos os homens, exceto quatro, e mais uma vez conseguira escapar e entranhara-se então ainda mais na floresta, avançando à noite, dormindo durante o dia. Comia bagas e bebia água das nascentes que encontrava, um pouco de arroz roubado em quintas isoladas e depois partia de novo a galope, com perseguidores sempre no seu encalço. Demorara vinte dias a chegar a Yedo. Dois homens tinham sobrevivido com ele.

— Foi quase um milagre — disse ela. — Pensei que tivesse sido possuída por algum *kami* quando o vi aqui a seu lado na praia.

— Ele é inteligente. Muito forte e muito inteligente.

— Posso perguntar quais são as notícias do Senhor Hiro-matsu, senhor? E de Osaka? Da Senhora Kiritsubo e da Senhora Sazuko?

Evasivo, Toranaga informou-a de que Hiro-matsu havia regressado a Yedo um dia antes da sua partida, embora as duas senhoras tivessem decidido ficar em Osaka, sendo a saúde da Senhora Sazuko o motivo do atraso. Não havia necessidade de elaborar. Tanto ele quanto Mariko sabiam que se tratava apenas de uma justificação para manter as aparências e que o general Ishido nunca permitiria que duas reféns tão valiosas partissem agora que Toranaga estava fora do seu alcance.

— *Shigata ga nai* — disse ele. — Carma, *né*? — Não há nada que se possa fazer. É o carma, não é?

— Sim.

Ele pegou no pergaminho.

— Agora, tenho de ler isto. Obrigado, Mariko-san. Saiu-se muito bem. Por favor, traga o Anjin-san à fortaleza ao amanhecer.

— Senhor, agora que meu senhor está aqui, eu…

— O seu marido já concordou que, enquanto eu estiver aqui, a senhora permanecerá onde está e agirá como intérprete, sendo seu principal dever estar com o Anjin-san durante os próximos dias.

— Mas, senhor, tenho de preparar uma casa para o meu senhor. Ele precisará de criados e de uma casa.

— Isso seria um desperdício de dinheiro, tempo e esforço nesta altura. Ele ficará com as tropas, ou na casa do Anjin-san, o que mais lhe agradar. — Apercebeu-se de um quê de irritação. — *Nan ja?*

— O meu lugar deveria ser com o meu senhor. Para o servir.

— O seu lugar é onde eu quero que seja. *Né*?

— Sim, por favor, desculpe-me. Com certeza.

— Com certeza.

Ela saiu.

Ele leu o pergaminho com atenção. E o Manual de Guerra. Depois, releu partes do pergaminho. Guardou os dois em lugar seguro, deixou guardas na cabina e subiu à coberta.

Amanhecera. O dia prometia calor e céu nublado. Cancelou a reunião com o Anjin-san, como pretendia, e cavalgou até ao planalto com uma centena de guardas. Lá chegado, reuniu os seus falcoeiros e três falcões e entregou-se à caça num raio de vinte *ri.* Ao meio-dia, tinha capturado três faisões, duas galinholas grandes, uma lebre e um par de codornizes. Enviou um faisão e a lebre a Anjin-san, o resto para a fortaleza. Alguns dos seus samurais não eram budistas e ele mostrava-se tolerante com os seus hábitos alimentares.

Comeu um pouco de arroz frio com pasta de peixe, algumas algas em conserva com lascas de gengibre. Depois, enrolou-se no chão e dormiu.

A tarde já ia avançada e Blackthorne estava na cozinha, a assobiar alegremente. À sua volta estavam o cozinheiro-chefe, o ajudante de cozinha, o preparador de vegetais, o preparador de peixe e os seus ajudantes, todos eles sorridentes mas interiormente mortificados porque o seu senhor estava ali na cozinha com a sua senhora, e também porque ela lhes dissera que ele ia dar-lhes a honra de lhes mostrar como preparar e cozinhar à maneira dele. E por último, por causa da lebre.

Ele já havia pendurado o faisão sob o beiral de um anexo com instruções precisas para que ninguém, *ninguém,* lhe tocasse, exceto ele.

— Eles entendem, Fujiko-san? Nenhum toca além de mim? — perguntou ele com simulada gravidade.

— Ah, sim, Anjin-san! Todos eles entendem. Peço imensa desculpa, lamento, mas devia dizer «Além de mim, ninguém lhe pode tocar.»

— Agora — disse ele a ninguém em particular —, a delicada arte de cozinhar. Primeira Lição.

— *Dozo gomen nasai?* — perguntou Fujiko.

— *Miru!* — «Observem.»

Sentindo-se novamente um rapaz, pois que uma das suas primeiras tarefas fora amanhar a caça que ele e o irmão apanhavam com grande risco nas propriedades em redor de Chatham, ele escolheu uma faca longa e curva. O *chef* responsável pelo *sushi* empalideceu. Era a sua faca preferida, com um gume especialmente afiado para garantir que as lascas de peixe cru eram sempre fatiadas na perfeição. Todos os ali presentes sabiam disso e sustiveram a respiração, sorrindo ainda mais para esconder o constrangimento, enquanto o próprio aumentava o tamanho do sorriso para esconder a sua própria vergonha.

Blackthorne cortou a barriga da lebre e retirou cuidadosamente o saco estomacal e outras vísceras. Uma das criadas mais novas quase vomitou e escapou-se em silêncio. Fujiko resolveu multá-la com um mês de salário, desejando ao mesmo tempo que também ela pudesse ser uma camponesa e assim fugir com honra.

Com olhos vidrados, eles apenas conseguiam olhar enquanto ele cortava os pés, depois empurrava as patas dianteiras para dentro da pele, retirando

assim a pele das pernas. Fez o mesmo com as patas traseiras e puxou a pele em redor para que, já esfoladas, saíssem pela fenda na barriga, e então, com um sacão destro, puxou a pele sobre a cabeça como se fosse um casaco de inverno. Poisou o animal praticamente esfolado na mesa de cortar e decapitou-o, deixando a cabeça com os olhos fixos e patéticos ainda presa à pele. Virou a pele de novo para o direito e pô-la de parte. Um suspiro percorreu a cozinha. Ele não ouviu nada, concentrado que estava em cortar as pernas e esquartejar a carcaça. Outra criada fugiu despercebida.

— Agora, quero uma panela — disse Blackthorne com um sorriso sincero.

Ninguém lhe respondeu. Todos se limitavam a olhar com os mesmos sorrisos fixos. Ele viu um grande caldeirão de ferro, resplandecente de limpo. Pegou nele com as mãos ensanguentadas e encheu-o com água de um recipiente de madeira, depois pendurou a panela sobre o braseiro, que ardia no chão de terra, numa cova rodeada de pedras. Acrescentou os pedaços de carne.

— Agora, alguns vegetais e especiarias — disse ele.

— *Dozo?* — perguntou Fujiko roucamente.

Ele não conhecia as palavras japonesas, pelo que olhou em volta. Havia algumas cenouras e uns tubérculos que pareciam nabos num cesto de madeira. Ele limpou-os, cortou-os e juntou-os ao caldeirão com sal e um pouco do molho de soja escuro.

— Devíamos juntar-lhe umas cebolas, alho e vinho do Porto.

— *Dozo?* — perguntou Fujiko novamente, atarantada.

— *Kotoba shirimasen.* — «Não sei as palavras.»

Ela não o corrigiu, apenas pegou numa colher e deu-lha. Ele abanou a cabeça.

— Saquê — ordenou. O ajudante de cozinha ganhou vida e passou-lhe a pequena barrica de madeira.

— *Domo.*

Blackthorne verteu uma boa chávena e depois acrescentou outra, só porque sim. Teria bebido um pouco diretamente da barrica, mas sabia que seria falta de educação bebê-lo frio e sem cerimónia, e certamente não ali na cozinha.

— Jesus Cristo, uma cerveja ia mesmo bem — disse.

— *Dozo gozaimashita,* Anjin-san?

— *Kotoba shirimasen*, este guisado vai ficar muito bom. *Ichi-ban, né?* — Apontou para o caldeirão a fervilhar.

— *Hai* — disse ela sem convicção.

— *Okuru tsukai arigato* Toranaga-sama — disse Blackthorne. — «Enviar um mensageiro para agradecer Senhor Toranaga.» Ninguém lhe corrigiu o mau japonês.

— *Hai.* — Apanhando-se no exterior, Fujiko correu para a latrina, a pequena cabana que se erguia num esplendor solitário perto da porta da frente do jardim. Estava muito agoniada.

— Está bem, senhora? — quis saber Nigatsu, a sua criada. Era uma mulher de meia-idade, rechonchuda, e cuidara de Fujiko toda a sua vida.

— Vai-te embora! Mas primeiro traz-me um pouco de chá. Não, terias de entrar na cozinha… oh, oh, oh!

— Eu tenho aqui, senhora. Pensámos que havia de precisar de um pouco, pelo que fervemos a água noutro braseiro. Aqui tem!

— Oh, és tão esperta! — Fujiko beliscou afetuosamente a bochecha anafada de Nigatsu enquanto outra criada vinha abaná-la. Limpou a boca na toalha de papel e sentou-se agradecida nas almofadas do alpendre. — Ah, assim está melhor! — E estava-se melhor ao ar livre, à sombra, o agradável sol da tarde lançando sombras escuras e as borboletas de um lado para o outro, o mar lá em baixo, calmo e iridescente.

— O que se passa, senhora? Não nos atrevemos nem a espreitar.

— Não penses nisso. O senhor… o senhor… não tem importância. Os seus costumes são estranhos, mas isto é o nosso carma.

Desviou o olhar no momento em que o cozinheiro-chefe se aproximava melifluamente, avançando pelo jardim, e o coração dela afundou-se um pouco mais. Ele fez uma reverência formal, um homenzinho magro e tenso, com pés grandes e dentes muito salientes. Antes que pudesse sequer pronunciar uma palavra, Fujiko disse com um sorriso inexpressivo:

— Encomenda novas facas na aldeia. Uma nova panela para o arroz. Uma nova tábua de cortar, novos recipientes para a água… todos os utensílios que considerares necessários. Aqueles que o senhor usou devem ser guardados para os seus propósitos privados. Vais reservar uma área especial e construir outra cozinha, se assim entenderes, onde o senhor poderá cozinhar, se o desejar, até que sejas proficiente.

— Obrigado, Fujiko-sama — disse o cozinheiro. — Desculpe-me por interrompê-la, mas, lamento muito, por favor, desculpe-me, conheço um bom cozinheiro na aldeia vizinha. Ele não é budista e até esteve no exército na Coreia, pelo que saberia tudo sobre… como… como cozinhar para o senhor muito melhor do que eu.

— Quando eu quiser outro cozinheiro, saberás. Quando eu te considerar inepto ou fingido, digo-te. Até lá, serás o cozinheiro-chefe aqui. Aceitaste o cargo por seis meses — disse ela.

— Sim, senhora — disse o cozinheiro com aparente dignidade, embora a tremer por dentro, pois Fujiko-noh-Anjin não era senhora para brincadeiras. — Por favor, peço que me desculpe, mas fui contratado para cozinhar. Tenho orgulho em cozinhar. Mas nunca aceitei ser açougueiro. Os *eta* são açougueiros. É claro que não podemos ter um *eta* aqui, mas esse outro cozinheiro não é budista como eu, meu pai, o pai dele antes dele e o dele antes dele, senhora, e eles nunca, nunca… Por favor, este novo cozinheiro pode…

— Vais cozinhar aqui como sempre cozinhaste. Considero os teus cozinhados excelentes, dignos de mestre cozinheiro em Yedo. Até enviei uma das tuas receitas à Senhora Kiritsubo em Osaka.

— Oh! Obrigado. É demasiada honra. Qual delas, senhora?

— Aquela das pequenas enguias frescas, com as águas-vivas e ostras fatiadas, com a dose certa de soja, que fazes tão bem. Excelente! Do melhor que já provei.

— Ah, obrigado, senhora! — O homem quase se babava.

— É claro que as tuas sopas deixam muito a desejar.

— Oh, lamento muito!

— Discuti-las-ei contigo mais tarde. Obrigada, cozinheiro — disse ela, tentando assim dispensá-lo.

Corajosamente, o homenzinho manteve-se firme.

— Por favor, peço que me desculpe, senhora, mas, *oh ko,* com toda a humildade, se o senhor… quando o senhor…

— Quando o senhor te disser para cozinhar ou cortar ou o que quer que seja, tratas de fazer o que te mandam. Imediatamente. Como qualquer servo leal devia fazer. Entretanto, pode ser que demore muito tempo até que te tornes proficiente, pelo que talvez seja melhor chegar a um acordo temporário com esse outro cozinheiro, para que ele te venha visitar nos raros dias em que o senhor desejar comer à sua maneira.

Com a sua honra satisfeita, o cozinheiro sorriu e fez uma reverência.

— Obrigado. Por favor, desculpe-me por pedir este esclarecimento.

— É claro que pagarás o cozinheiro substituto com o teu próprio salário.

Quando ficaram novamente sozinhas, Nigatsu riu-se com a mão diante da boca.

— Oh, Senhora-chan, posso elogiá-la por esta sua vitória absoluta e pela sua sabedoria? O cozinheiro-chefe quase perdia o fôlego quando lhe disse que também teria de pagar!

— Obrigada, Ama-san.

Fujiko podia sentir o cheiro da lebre. *E se ele me pedir para comer com ele?* pensou, e quase perdeu os sentidos. *Mesmo que não o faça, vou ter de o servir. Como evitar ficar agoniada? Não vais ficar agoniada coisa nenhuma,* ordenou a si mesma. *É o teu carma. Deves ter sido mesmo muito ruim na tua vida anterior. Sim. Mas lembra-te de que tudo está bem agora. Apenas mais cinco meses e seis dias. Não penses nisso, pensa apenas no teu senhor, que é um homem corajoso e forte, embora tenha hábitos alimentares horríveis…*

Ouviu-se o som de cascos junto ao portão. Buntaro desmontou e dispensou o resto dos seus homens. Depois, acompanhado apenas pelo seu guarda pessoal, atravessou o jardim, coberto de pó e de suor. Trazia na mão o seu enorme arco e às costas a respetiva aljava. Fujiko e a sua criada curvaram-se calorosamente, embora o odiassem. O seu tio era famoso pelas suas fúrias selvagens e incontroláveis, que o levavam a atacar sem aviso ou brigar com praticamente qualquer um. Na maioria das vezes, apenas os seus servos ou as suas mulheres sofriam.

— Por favor, entre, tio. Que gentileza sua visitar-nos tão cedo — disse Fujiko.

— Ah, Fujiko-san! Fa… Que fedor é este?

— O meu senhor está a cozinhar uma peça de caça que o Senhor Toranaga lhe enviou; ele está a mostrar aos meus desgraçados empregados como se cozinha.

— Se ele quer cozinhar, imagino que possa. — Buntaro torceu o nariz com desagrado. — Sim, um senhor pode fazer qualquer coisa em sua própria casa, dentro da lei, a menos que isso incomode os vizinhos.

Legalmente, aquele cheiro podia ser motivo de reclamação e incomodar os vizinhos podia ser muito desagradável. Os inferiores nunca faziam nada que pudesse perturbar os seus superiores. Caso contrário, rolavam cabeças. Era por isso que, em todo o país, os samurais viviam cautelosa e cortesmente perto de samurais de igual categoria, se possível, camponeses perto de camponeses, os mercadores nas suas próprias ruas e os *eta* isolados no exterior. Ali, Omi era um vizinho imediato. *Ele é superior,* pensou Fujiko.

— Espero sinceramente que ninguém se incomode — disse ela a Buntaro, inquieta, perguntando-se que nova maldade estaria ele a congeminar. — Queria ver o meu senhor? — Começou a levantar-se, mas ele impediu-a.

— Não, por favor, não o perturbe; eu espero — disse ele formalmente, e ela sentiu um aperto no coração. Buntaro não era conhecido pelas suas maneiras e, vinda dele, a educação era garantidamente muito perigosa. — Peço desculpa por chegar assim sem primeiro enviar um mensageiro para pedir um encontro — prosseguiu ele —, mas o Senhor Toranaga disse-me que talvez eu pudesse usar a casa de banhos e hospedar-me aqui. Ocasionalmente. Pode perguntar ao Anjin-san mais tarde, se ele daria a sua permissão?

— Claro — disse ela, mantendo o padrão habitual de etiqueta, mas detestando a ideia de ter Buntaro em sua casa. — Tenho a certeza de que ele se sentirá honrado, tio. Posso oferecer-lhe chá ou saquê enquanto espera?

— Saquê, obrigado.

Nigatsu instalou apressadamente uma almofada no alpendre e correu em busca do saquê, por mais que lhe tivesse agradado ficar.

Buntaro entregou o arco e a aljava ao guarda, descalçou as sandálias empoeiradas e dirigiu-se ao alpendre. Desembainhou a espada de matar, sentou-se de pernas cruzadas e pousou a espada sobre os joelhos.

— Onde está a minha esposa? Com o Anjin-san?

— Não, Buntaro-sama, lamento muito, ela recebeu ordens para ir à fortaleza onde…

— *Ordens?* De quem? Kasigi Yabu?

— Ah, não, do Senhor Toranaga, senhor, quando voltou da caça esta tarde.

— Ah, do Senhor Toranaga! — Buntaro acalmou-se e olhou carrancudo para a fortaleza do outro lado da baía. O estandarte de Toranaga adejava ao lado do de Yabu.

— Gostaria que eu mandasse alguém buscá-la?

Ele abanou a cabeça.

— Há tempo suficiente para ela. — Respirou fundo e olhou para a sobrinha, filha da sua irmã mais nova. — Tenho a sorte de ter uma esposa tão talentosa, *né*?

— Sim, senhor. Sim, tem muita sorte. Ela tem sido de grande valia para interpretar o conhecimento do Anjin-san.

Buntaro olhou para a fortaleza e depois sentiu o cheiro novamente trazido pelo vento, da lebre a cozinhar.

— É como estar em Nagasaki ou na Coreia. Lá, eles estão sempre a cozinhar carne, fervem-na ou assam-na. Um fedor… é que nunca cheirei nada que se pareça. Os Coreanos são uns animais, como canibais. O fedor do alho até se entranha nas roupas e nos cabelos.

— Deve ter sido terrível.

— A guerra não foi má. Podíamos ter vencido facilmente. E aberto caminho até à China. E civilizado ambos os países. — Buntaro corou e a sua voz tornou-se rouca. — Mas não. Falhámos e tivemos de voltar em vergonha porque fomos traídos. Traídos por traidores imundos em altos cargos.

— Sim, isso é tão triste, mas tem razão. Toda a razão, Buntaro-sama — disse ela, num tom apaziguador, dizendo esta mentira com facilidade, ciente de que nenhuma nação no mundo seria capaz de conquistar a China e de que ninguém seria capaz de civilizar a China, que já era civilizada desde os tempos antigos.

A veia na testa de Buntaro latejava e ele estava praticamente a falar sozinho:

— Mas eles vão pagar. Todos eles. Os traidores. É só uma questão de esperar à beira de um rio o tempo suficiente para que os corpos dos nossos inimigos passem a flutuar, *né*? Vou esperar e cuspir-lhes na cara em breve, muito em breve. Prometi isso a mim mesmo. — Olhou para ela. — Odeio traidores e adúlteros. E todos os mentirosos!

— Sim, concordo. Tem toda a razão, Buntaro-sama — disse ela, gelada, ciente de que a ferocidade daquele homem não tinha limites. Quando tinha dezasseis anos, Buntaro executara a própria mãe, uma das consortes menores de Hiro-matsu, pela sua suposta infidelidade enquanto o seu pai, Hiro-matsu, estava na guerra a lutar pelo Ditador, o Senhor Goroda. Então, anos depois, ele matara o filho mais velho da primeira esposa por alegados insultos e mandara-a de volta para a família, onde ela morrera pelas próprias mãos, incapaz de suportar tal vergonha. Ele tinha feito coisas terríveis com as suas consortes e com Mariko. E discutira violentamente com o pai de Fujiko e acusara-o de cobardia na Coreia, desacreditando-o perante o Taikō, que imediatamente lhe ordenara que rapasse a cabeça e se tornasse monge, para morrer desmoralizado pouco depois, consumido pela vergonha.

Fujiko precisava de toda a sua força de vontade para parecer tranquila.

— Ficámos muito orgulhosos ao saber que escapou ao inimigo — disse ela.

O saquê chegou. Buntaro começou a beber, muito.

Decorrido o tempo mínimo necessário para não ser descortês, Fujiko levantou-se.

— Por favor, desculpe-me por um momento.

Foi até à cozinha para avisar Blackthorne, pedir permissão para que Buntaro ficasse alojado ali em casa e dizer-lhe a ele e aos criados o que tinha de ser feito.

— Porquê aqui? — perguntou Blackthorne irritado. — Porquê ficar aqui? É necessário?

Fujiko pediu desculpa e tentou explicar que, evidentemente, Buntaro não poderia ser recusado. Blackthorne voltou taciturno para os seus cozinhados e ela voltou para Buntaro, com um aperto no peito.

— O meu senhor diz que é uma honra tê-lo aqui. A casa dele é a sua casa.

— Como é ser consorte de um bárbaro?

— Eu imaginava que seria horrível. Mas do Anjin-san, que é *hatamoto* e, portanto, samurai? Imagino que seja como ser consorte de outros homens. Esta é a primeira vez que o sou. Prefiro ser esposa. O Anjin-san é como os outros homens, embora, sim, alguns dos seus modos sejam muito estranhos.

— Quem havia de pensar que alguém da nossa casa seria consorte de um bárbaro… mesmo que seja um *hatamoto*.

— Não tive escolha. Apenas obedeci ao Senhor Toranaga e ao avô, o líder do nosso clã. Cabe à mulher obedecer.

— Sim. — Buntaro terminou a sua taça de saquê e ela voltou a enchê-la.

— A obediência é importante para uma mulher. E Mariko-san é obediente, não é?

— Sim, senhor. — Ela olhou para aquele rosto feio e simiesco. — Ela não lhe trouxe nada senão honra, senhor. Sem a senhora, sua esposa, o Senhor Toranaga nunca poderia ter obtido o conhecimento do Anjin-san.

Ele sorriu de esguelha.

— Ouvi dizer que praticamente enfiou pistolas na cara de Omi-san.

— Estava apenas a cumprir o meu dever, senhor.

— Onde aprendeu a usar armas de fogo?

— Eu nunca tinha manuseado uma até então. Nem sabia se as pistolas estavam carregadas. Mas teria puxado os gatilhos.

Buntaro riu-se.

— Omi-san também pensou o mesmo.

Ela encheu-lhe a taça de novo.

— Nunca entendi por que razão Omi-san não mas tentou tirar. O seu senhor ordenara-lhe que o fizesse, mas ele não o fez.

— Eu teria feito.

— Sim, tio. Eu sei. Por favor, desculpe-me, mas, mesmo assim, eu teria puxado os gatilhos.

— Sim. Mas não teria acertado!

— Sim, provavelmente. Desde então, aprendi a disparar.

— Ele ensinou-lhe?

— Não. Um dos oficiais do Senhor Naga.

— Porquê?

— Meu pai nunca permitiu que as suas filhas aprendessem espada ou lança. Ele pensava, muito bem, acredito, que devíamos dedicar o nosso tempo a aprender coisas mais suaves. Mas às vezes uma mulher tem de proteger o seu senhor e a sua casa. A pistola é uma boa arma para uma mulher, muito boa. Não requer força nem muita prática. Então, agora, talvez eu possa ser um pouco mais útil ao meu senhor, pois garantidamente rebentarei a cabeça a qualquer homem para o proteger e para a honra da nossa casa.

Buntaro esvaziou a sua taça.

— Fiquei orgulhoso quando soube que se opôs a Omi-san daquela forma. Fez muito bem. O Senhor Hiro-matsu também ficará orgulhoso.

— Obrigada, tio. Mas eu estava apenas a cumprir um dever comum. — Curvou-se formalmente. — O meu senhor pergunta se lhe daria a honra de falar consigo agora, se isso lhe agradar.

Ele continuou com o ritual:

— Por favor, agradeça-lhe, mas primeiro posso tomar banho? Se lhe agradar, irei vê-lo quando a minha esposa voltar.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

将軍

Blackthorne esperava no jardim. Agora, usava o quimono do uniforme castanho que Toranaga lhe dera, com as espadas presas na faixa e uma pistola carregada e escondida por baixo. Pelas explicações apressadas de Fujiko e posteriormente dos criados, deduzira que devia receber Buntaro formalmente, porque o samurai era um importante general e *hatamoto*, e era o primeiro hóspede da casa. Como tal, tomara banho, trocara de roupa e fora para o local que havia sido preparado para esse fim.

Tinha visto Buntaro brevemente na véspera, quando ele chegara. Buntaro estivera ocupado com Toranaga e Yabu durante o resto do dia, juntamente